

LEONARDO BRASILIENSE

Três dúvidas

Novelas



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by Leonardo Brasiense

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Rita da Costa Aguiar

Imagem de capa

© Leopoldo Plentz

Edição

Heloisa Jahn

Preparação

Maria Cecília Caropreso

Revisão

Carmen S. da Costa

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brasiense, Leonardo

Três dúvidas : novelas / Leonardo Brasiense — São Paulo :
Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1629-4

1. Ficção brasileira I. Título.

10-01979

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

UM DIA EM COMUM, 7

A GRANDE VENTURA DE PAULO SÉRGIO CONTADA POR ELE MESMO
TRÊS DIAS ANTES DE MORRER, 63

O VISITANTE, 119

Manhã

Aos cinquenta e nove anos, José Francisco vive numa casa de dois quartos, sala, cozinha, um banheiro dentro e outro fora, na área de serviço. No quintal, dois limoeiros e um antigo poço. Em parte gramado, o quintal é onde ele se sente criança, porque na casa dos pais também havia um poço, entretanto havia mais árvores, mais sombra, mais futuro.

Aposentou-se faz um ano. Era corretor de seguros, agora é um aposentado, simplesmente, não um “corretor de seguros aposentado”. Tem a impressão de que a aposentadoria joga a todos nessa última vala, sem importar o que faziam antes, uma vala rasa e aberta a toda mesmice: Fulano era funcionário, agora é aposentado; Beltrano era mecânico, agora é aposentado; o dentista, aposentado; o cozinheiro, aposentado.

Com seu pai foi diferente. Naquele tempo criavam-se galinhas no quintal, tinha-se uma horta. O pai, aposentado, tinha esses compromissos. E morando na cidade pequena, encontrava os antigos colegas na praça, comentavam as notícias, perguntavam-se pelas famílias, quando viriam os netos. Os netos, seu pai

tinha dois, presentes do filho mais velho. Ele os esperava nos feriados. Tinha o que fazer, tinha sempre o que esperar.

Mas José Francisco não tem filhos, e na cidade grande os colegas não se conhecem enquanto trabalham, aposentados é que não têm por que se ver. Esses dias, leu no obituário o nome de um deles. Podia ser um homônimo. Na cidade grande há muitos homônimos, nunca se sabe se uma pessoa é ela mesma.

Sábado passado, depois do almoço, estirado na cadeira de balanço do quintal, ele pensou em procurar algum de seus homônimos. No encontro, os dois se apertariam as mãos, diriam “Prazer, José Francisco da Silva”, e teriam a sensação de se conhecerem há muito tempo. Quando acordou, no meio da tarde, não pensava mais nisso.

Abriu os olhos e viu a mulher. Carmem regava as plantas. Ela não o viu, estava de costas. Mesmo de frente, não o veria: conhece-o por completo, são vinte e cinco anos de casamento. Por conhecê-lo tanto assim, tanto quanto ele próprio, já não lhe presta atenção.

José Francisco ficou olhando para a mulher até ela se virar. Fingiu que acordava:

— Que hora é?

— Três e meia.

Voltou a dormir, forçando. Não tinha mais sono.

Agora, oito da manhã de quarta-feira, José Francisco está de novo no quintal. Carmem foi trabalhar. Hoje ele almoçará na casa do irmão, que está de aniversário, almoço de família. No fim de semana o irmão vai com a mulher para o litoral, vai encontrar os filhos e os netos. A “família” no almoço de hoje, porque os

pais morreram há anos, são apenas eles dois. Desde que os pais se foram, o irmão, mais velho, tenta mantê-los unidos, telefona-lhe semanalmente.

Ele está no quintal às oito horas da manhã. O quintal, embora menos verde que o de sua infância e com um poço que não serve para nada, é o único lugar da casa que o faz recordar algo bom, onde havia mais sombra, quando havia mais futuro.

Aproxima-se do poço. Abre-o arrastando a tampa, um peso. Olha o fundo e percebe o quanto é inútil o que acaba de fazer. O poço é seco. Arrasta a tampa de volta pensando que precisa dar um futuro a sua vida, qualquer um, e sem demora.